

29 de junho de 2010

Este Clipping é preparado pela Secretaria Executiva da ADIMB. O conteúdo é de inteira responsabilidade dos meios de origem

A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira

CONGRESSOS E SIMPÓSIOS

SIMPÓSIO SUL AMERICANO DE GEOLOGIA ISOTÓPICA

LOCAL: BRASÍLIA/DF

DATA: 25 A 28 DE JULHO / 2010



WWW.7SSAGI.COM.BR

CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE METALURGIA, MATERIAIS E MINERAÇÃO

LOCAL: RIO DE JANEIRO/RJ

DATA: 26 A 30 DE JULHO / 2010



65th ABM International Congress | July 26th to 30th | Rio de Janeiro | Brazil

WWW.ABMBRASIL.COM.BR/CONGRESSO

CONGRESSO BRASILEIRO DE MINA A CÉU ABERTO E MINA SUBTERRÂNEA

LOCAL: BELO HORIZONTE/MG
DATA: 03 A 05 DE AGOSTO / 2010



WWW.CBMINA.ORG.BR

MEETING OF THE AMERICAS - AMERICAN GEOPHYSICAL UNION

LOCAL: FOZ DO IGUAÇU/PR
DATA: 08 A 12 DE AGOSTO / 2010



WWW.AGU.ORG/MEETINGS/JA10

CONGRESSO BRASILEIRO DE ÁGUAS SUBTERRÂNEAS

LOCAL: SÃO LUÍS/MA
DATA: 31 DE AGOSTO A 03 DE SETEMBRO / 2010



WWW.ABAS.ORG/XVICONGRESSO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA

LOCAL: BELÉM/PA

DATA: 26 DE SETEMBRO A 1 DE OUTUBRO / 2010



SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOLOGIA DO DIAMANTE

LOCAL: TIBAGI/PR

DATA: 06 A 12 DE NOVEMBRO / 2010



WWW.5SBGD.COM.BR

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOFÍSICA

LOCAL: BRASÍLIA/DF

DATA: 14 A 17 DE NOVEMBRO / 2010



WWW.SIMPOSIO.SBGF.ORG.BR

EXPOSIBRAM - AMAZÔNIA

LOCAL: BELÉM/PA

DATA: 22 A 25 DE NOVEMBRO / 2010



WWW.EXPOSIBRAM.ORG.BR

FOLHA DE S.PAULO

MINERAÇÃO GEROU 6.500 VAGAS ESTE ANO

O setor mineral emprega atualmente mais de 142 mil pessoas no Pará. No primeiro quadrimestre deste ano, o Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram) estipula que foram gerados cerca de 6.500 novos postos de trabalho. Uma mineradora sozinha é capaz de empregar pelo menos 200 pessoas por mês, a maior parte nos municípios de Marabá, Parauapebas, Ourilândia do Norte e Canaã dos Carajás. Nesta última, inclusive, foram abertas mais de mil vagas em maio para a instalação da mina de ferro Serra Sul, com jazidas estimadas em 11 bilhões de toneladas. As vagas não param de ser ofertadas e para concorrer a uma delas basta ficar de olho nas páginas da internet - e se puder, estudar em um bom curso técnico.

O déficit de mão de obra, segundo os especialistas, ocorre sobretudo na área técnica por causa da educação básica deficiente, que impede o desenvolvimento profissional, e dos aspectos culturais do belenense, que se recusa a deixar a capital mesmo quando vislumbra oportunidade de emprego no interior. Embora a demanda seja alta e os profissionais escassos, os salários de técnicos são razoáveis, com benefícios como ajuda de custo, plano de saúde e de carreira. A remuneração de um recém-contratado que tem somente o nível médio não chega a R\$ 2 mil, mas para engenheiros recém-formados que integram o programa de trainee o salário pode chegar a R\$ 4.600 mil.

O gerente geral de Recursos Humanos (RH) da mineradora Vale, João Menezes, afirma que encontrar pessoas com formação técnica é mais difícil do que recrutar engenheiros para trabalhar na empresa. "Nossa prioridade é sempre a mão de obra local. Mas quando não conseguimos um engenheiro, por exemplo, chamamos de outros estados. Um profissional formado tem uma condição financeira melhor para trocar de cidade e se manter durante um tempo. A mesma situação não ocorre com o técnico", avalia.

Para João Menezes, o principal problema de mão de obra para os grandes projetos é falta de educação formal. "Das seleções que fazemos, de 10 pessoas, aproveitamos apenas uma", lamenta o gerente. De acordo com o gerente, a Vale contorna a situação investindo em capacitação. Para concorrer a uma vaga na mineradora, diz o gerente, é necessário ficar de olho nas vagas anunciadas no site www.vale.com ou cadastrar o currículo nas consultorias Gestor ou Adapt Soluções, parceiras da mineradora no recrutamento de trabalhadores.

Cultura

A consultora de Recursos Humanos Karla Barros, que trabalha em uma empresa que presta assistência para as mineradoras Vale, Alcoa, Alunorte e Albrás, acredita que a cultura do belenense de permanecer na cidade é um dos motivos para que a mão de obra qualificada venha de outros estados, enquanto a técnica é formada na própria localidade. "Nós não conseguimos fazer com que as pessoas da capital se mudem para o interior, em nenhum nível de escolaridade. Mas as pessoas que aceitam trabalhar no interior, em cidades ainda em desenvolvimento, não se mudam tanto pelos salários. A visibilidade de atuar em uma multinacional e o plano de carreira são os fatores mais atrativos", avalia. Ela cita Ourilândia do Norte, a 960 quilômetros de Belém, como município hoje com a maior oferta de empregos.

O engenheiro de Minas e professor do curso técnico de Mineração do Instituto Federal do Pará (IFPA, antigo Cefet) - o mais tradicional do Estado, com 34 anos de funcionamento no modelo integral ou subsequente - Edson Neves, explica que para seguir a carreira no setor mineral é preciso ter vocação. "Você não vai encontrar minas na cidade grande. Para conseguir boas oportunidades, é preciso ir onde a extração acontece - não tem jeito, pois é o tipo de profissão que não tem como mudar de lugar o objeto de trabalho", observa.

A estudante do curso técnico de mineração Gabrielle Almeida, de 19 anos, vai se formar neste ano e já planeja se mudar para o município de Barcarena ou então prestar vestibular para Geologia na Universidade Federal do Pará (UFPA).

Fonte: Folha de São Paulo



SERRA DO CURRAL, EM BH, VAI VIRAR PARQUE APÓS EFEITOS DA MINERAÇÃO

Vista de longe, a Serra do Curral parece emoldurar Belo Horizonte. Um paredão verde, recanto da natureza aos pés do bairro Mangabeiras, na zona sul da capital. Mas este símbolo da cidade luta, há tempos, contra os efeitos da mineração. Atividade que gera riquezas e também prejuízos.

Após 30 anos de extração mineral, o lugar passa, agora, por um processo de recuperação e deve se transformar em parque.

A Serra do Curral foi tombada como patrimônio paisagístico em 1991, mas até hoje é possível ver o impacto da extração de minério. Duas mineradoras têm licença para a atividade, mas, segundo a Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Belo Horizonte, essas permissões são muito antigas e não serão renovadas. Uma das mineradoras explorou a área por 30 anos.

As encostas mais íngremes são as mais difíceis de ser recuperadas. A mina foi desativada em 2002. Desde então, o trabalho feito tem sido para recuperar a área devastada. Não existe possibilidade de que a região vire floresta. Mas é possível adquirir características de campo.

A área conhecida como paredão da serra, em breve, será transformada em parque. As pessoas poderão curtir a natureza e o 'belo horizonte', além de poder fazer exercícios físicos. Os quase 400 hectares vão formar o maior parque ambiental de Belo Horizonte, São 160 espécies de aves identificadas, 20 espécies de anfíbios, quase 20 espécies de reptéis e 22 espécies de mamíferos. É uma tentativa de preservar o que ainda não foi destruído.

Fonte: O Globo



BRASIL PERDE 11 TONELADAS DE OURO POR ANO

Toda essa riqueza jaz, escondida, nas 500 mil toneladas de produtos eletrônicos descartados pelos brasileiros

O Brasil desperdiça, nos lixões e aterros do país, cerca de 11 toneladas de **ouro** por ano. Além disso, são perdidos mais 17 tipos de metais preciosos. Entre eles, a prata, o cobre e o zinco. Toda essa riqueza jaz, escondida, nas 500 mil toneladas de celulares, computadores e demais produtos eletrônicos descartados pelos brasileiros anualmente. Com tamanha fortuna inutilizada, os garimpos dos tempos modernos têm trocado a perfuração da rocha pelas montanhas de sucatas. Algumas empresas estrangeiras estão usando o lixo verde amarelo para abarrotar os cofres de dinheiro. Em todo o mundo, essa conta do desperdício chega a 1,1 milhão de quilos do metal dourado.

Em terras brasileiras, a mineradora belga Umicore trabalha com a recuperação de eletrônicos. Todos os anos, ela recebe 250 mil toneladas de 200 matérias-primas diferentes contendo metais preciosos.

Apenas em 2009, o faturamento mundial da empresa foi de 6,9 bilhões de euros, o equivalente a R\$ 15,4 bilhões. Se esses garimpeiros modernos estão lucrando alto com a nova modalidade de exploração, quem guarda o material também ganha. Milhares de lojas de informática o vendem para os empresários a R\$ 3 o quilo. O técnico Antônio Matos não sabia dessa possibilidade de renda até que um representante de uma multinacional o procurou.

"Antes, eu descartava tudo no lixo comum. Agora, guardo. A cada dois meses, eles passam recolhendo. Em um ano, consigo estocar duas toneladas de peças de computador", relata Matos. Com a comercialização do que anteriormente era descartado, o técnico em informática aumentou seu faturamento anual em R\$ 6 mil. "Não deixo perder mais nenhuma peça. Uma vez, eu até tentei raspar as partes de ouro de algumas placas de computador, mas é muito fininho e não deu certo", lembra.

A quantidade de ouro nos equipamentos é pequena e exige tecnologia de ponta para separar os metais preciosos do plástico e das resinas que formam os componentes eletrônicos. Ainda assim, é um negócio vantajoso. Uma tonelada de sucata tem 22,24 gramas de ouro, segundo estudos da Universidade de Tecnologia de Berlim. Já a maior mina do metal precioso no Brasil, localizada em Paracatu (MG), tem o teor de apenas 0,4 grama por tonelada de minério. Nos aparelhos telefônicos, essa quantidade é muito superior à encontrada no município mineiro: são 150 gramas para cada mil quilos de celulares.

Japoneses

Os japoneses são os que mais fazem o reaproveitamento do material. Atualmente, cerca de 50% de todo o ouro do país oriental é reciclado. "É quase um garimpo. A questão é que, além do ouro, você tira cobre e plástico. Ainda tem a resina, que não serve para nada e pode se transformar em um passivo ambiental. Para realizar essa reciclagem, tem de ser uma empresa de grande porte.

Fonte: O Norte



JAZIDA AFEGÃ PODE LEVAR À "PAZ PELA GANÂNCIA", DIZ ANALISTA

A descoberta de valiosas jazidas minerais no Afeganistão, divulgada na segunda-feira pelo jornal americano *The New York Times*, pode levar a solução do conflito interno do país com o Talibã, segundo analista ouvido pelo Terra.

Para o professor Marco Márcio Antonio Scalécio, do Instituto de Relações Internacionais da PUC-RJ, é possível que a descoberta abra a possibilidade de o país alcançar a paz no conflito interno com os rebeldes talibãs. Segundo ele, é possível que os interesses internacionais, especialmente dos Estados Unidos, na exploração dos depósitos minerais possam levar o Afeganistão a alcançar a "paz pela ganância".

"Pode ser uma situação apetitosa para tentar fazer com que os antagonistas conversem. A paz pela ganância. O problema é saber se o poder de ganância do Talibã é similar ao dos estrangeiros", afirma Scalécio.

"O Afeganistão não tinha nenhum atrativo, ele passando a ter um atrativo dessa monta, em um mundo que está cada vez mais procurando produtos primários - especialmente a China no cenário internacional -, isso é uma novidade. É quase um pré-sal afegão", diz Scalécio. "O país jamais se deparou com oportunidades dessa natureza. É como se tivessem achado urânio na Lua. Eu tenho certeza que já existiriam cidades na Lua", acrescentou.

Scalécio esclarece que, na administração do presidente Barack Obama, os Estados Unidos já estão rumando para abrir conversações, ainda que cautelosas, com o Talibã. "Finalmente os EUA

começaram a trabalhar com a ideia de que o Talibã e a Al-Qaeda não são a mesma coisa. Isso pode ser um caminho (para a paz)", diz.

Ele ainda lembra que, além do Talibã, existem outras tribos e etnias que precisariam ser envolvidas nas negociações, uma vez que as jazidas estão espalhadas pelas regiões sul e leste do país.

Desafios internos

Segundo reportagem do *NYT*, a reserva mineral do Afeganistão é composta principalmente por depósitos de ferro, cobre, cobalto, ouro e de lítio - um dos metais mais importantes e escassos atualmente, largamente empregado na indústria da informática. Para o Pentágono, os depósitos minerais podem alcançar um valor estimado em US\$ 3 trilhões.

De acordo com o jornal americano, a descoberta poderia fazer do Afeganistão um dos principais centros mundiais de mineração, uma espécie de "Arábia Saudita do lítio".

Contudo, Scalécio lembra que o processo de pacificação no Afeganistão ainda está distante. Ele ressalta que sem a estabilização não existe a possibilidade do país se beneficiar de suas reservas. "O Afeganistão não está politicamente estruturado para aproveitar esta prosperidade em termos organizacionais, institucionais. Não há estrutura mínima. O transporte é ou picape ou camelo".

Os problemas da falta de estabilidade e infra-estrutura no Afeganistão são vistos por Onildo João Marini, secretário-executivo da Agência para o Desenvolvimento Tecnológico da Indústria Mineral Brasileira (Adimb), como grandes entraves para atrair empresas internacionais para realizar a exploração das jazidas. Segundo ele, a indústria mineradora do país é praticamente inexistente e incapaz de comandar a exploração.

"Nessas regiões é difícil. Tem de haver infra-estrutura, já que o custo operacional é muito elevado. Depende do local da descoberta, de energia, de segurança", diz Marini, que ainda ressalta dificuldades do país na questão de mão de obra. "O Afeganistão é muito atrasado em termos de mão de obra. O país vai ter mão de obra quase só em serviço braçal, (técnicos e geólogos) teriam que vir de fora", afirma.

O professor de Geologia da Universidade de São Paulo (USP) Caetano Juliani destaca o tempo necessário para esse tipo de descoberta começar a dar frutos. "Normalmente leva de 10 a 15 anos desde a descoberta até a entrada em produção", esclarece. Contudo, ele afirma que o fato de a indústria de mineração afegã ser praticamente incipiente não é um grande entrave. "Na verdade, as plantas industriais não são o grande problema, o maior problema é ter toda uma infra-estrutura (para iniciar a extração)", diz.

Marini afirma também que a incipiente legislação do país para o setor é mais um fator que prejudica a exploração das jazidas. "Se a legislação mineral é confusa, afasta ainda mais as empresas. Se ela investe US\$ 1 bilhão, US\$ 2 bilhões, e de repente o governo muda a regra do jogo, ela perde tudo", afirma.

Para o professor Márcio Antônio Escalécio, é impossível falar em legislação forte no atual momento do país. "No Afeganistão, não há legislação sequer para atravessar a rua. O presidente (Hamid) Karzai não é presidente de nada. Ele é prefeito de Kabul. Ninguém está pensando nisso (em legislações)", diz.

Tipos de minérios

Segundo Onildo Marini, a rentabilidade de uma eventual exploração mineral no Afeganistão depende do tipo de minério encontrado e de onde ele está localizado. "Se o minério está a céu aberto, é mais fácil. Se está em subsolo, já é mais complicado".

Em relação às reservas de lítio - consideradas pelo *NYT* como as mais importantes encontradas no Afeganistão -, Marini afirma que é preciso verificar se ela se encontra sob a forma de sais. "Se forem sais de lítio, certamente a descoberta vai gerar riqueza", diz Marini. Ele explica que o lítio encontrado na Bolívia, o país que tem as principais reservas do minério do mundo, está sob a forma de sais e se encontra na superfície e que, se o lítio encontrado no Afeganistão estiver sob a forma de silicato, não terá condições de competir com o encontrado no país sul-americano.

O professor explica que se essas condições forem cumpridas, é possível extrair o minério dentro de um prazo de poucos anos. Contudo, ele lembra que o tempo necessário para se iniciar a exploração varia de minério para minério. "Ouro, por exemplo, dá resultados em um ano. Depende caso a caso", explica Marini.

Fonte: Portal Terra



CHILE INTRODUZ NOVA POLÍTICA TRIBUTÁRIA PARA O SETOR MINERAL

Laurence Golborne, ministro de Minas do Chile, disse na última sexta-feira que o país se beneficiará da polêmica mudança tributária adotada pela Austrália e atrairá investimentos com um novo plano de taxaço reduzida do setor. "A situação na Austrália é uma tremenda oportunidade para o Chile se pudermos oferecer tranquilidade e estabilidade para o setor mineral. Eles saberão que nossa política tributária é estável a longo prazo", disse o executivo à imprensa na última sexta-feira.

O governo chileno oferecerá nos próximos dois anos uma tributação variável para o cobre, entre 3,5% e 9%, a depender das vendas das mineradoras e dos preços do metal; de 2012 a 2017, a alíquota ficará em 4%.

Fonte: Geólogo.com.br



TOP VENTURES E GEORADAR ASSINAM ACORDO PARA EXPLORAÇÃO DE OURO EM MINAS GERAIS

A empresa brasileira de investimentos e gestão de projetos Top Ventures Investimentos S.A. e a Georadar Levantamentos Geofísicos S.A., empresa de serviços técnicos para os setores de mineração e petróleo, assinaram um acordo para o desenvolvimento do projeto de exploração mineral de ouro em Paracatu, Minas Gerais, Brasil.

O projeto minerário em questão representa um total de cerca de 3 mil hectares composto por um grupo de áreas contíguas localizadas no Morro do Ouro, região de Paracatu. A região de Paracatu é tradicionalmente conhecida por conter depósitos auríferos que remontam ao século 18, e é onde está localizado o jazimento de maior produção de ouro no Brasil, com uma reserva anunciada de mais de 20 milhões de onças de ouro.

A Georadar, que possui a presença do fundo de private equity AG-Angra, se comprometeu a fazer investimentos em sua filial para o setor mineral. Juntamente com o portfólio de ativos minerários da Top Ventures na América do Sul, inicia-se com este acordo uma nova conduta de exploração mineral para ouro, minério de ferro, fertilizantes e outros ativos minerais. O papel fundamental da Georadar será de proporcionar expertise nos aspectos técnicos do programa de exploração em Paracatu. "O objetivo é criar ativos minerais, por meio do desenvolvimento de

projetos integrados, em parceria, que envolvam a alocação de investimentos e recursos para avaliação de áreas potenciais", explica o CEO da Georadar, Celso Magalhães.

A Top Ventures vai contribuir com a experiência em gestão de projetos de mineração, consultoria e a valorização do prospecto. "Estamos muito satisfeitos em iniciar essa parceria exatamente quando o preço do ouro tende a atingir níveis recordes, e o mercado sinaliza retornar aos investimentos mais agressivos no setor minerário", afirma o CEO da Top Ventures Investimentos S.A, Tim Chen.

Essa parceria para o projeto em Paracatu é um grande passo no desenvolvimento de ativos minerários de classe mundial na América do Sul.

Top Ventures Investimentos S/A - Top Ventures (TVISA) é uma holding de investimentos e gestão de projetos sediada no Brasil, que atua nos setores minerário, energia renovável e industrial. Estabelecida para criar valor aos acionistas com investimentos diretos e indiretos em seus projetos. Contando com uma equipe global e multidisciplinar TVISA atua em todas as fases e cadeias dos projetos, desde a concepção estratégica até a produção. [www.topventures.com.br]

Georadar Levantamentos Geofísicos S/A - A Georadar é uma empresa brasileira, de alta tecnologia, que se destaca na realização de serviços para os segmentos Petrolífero, de Mineração e de Água Subterrânea. Com ênfase na contínua formação e aperfeiçoamento do seu corpo técnico e na utilização de tecnologias de última geração, a Georadar se destaca na realização de levantamentos geológicos e geofísicos, dando suporte a diagnósticos subterrâneos integrados.

Fonte: Fator Brasil



MINERADORAS DISCUTEM NOVO IMPOSTO SOBRE LUCRO COM GOVERNO DA AUSTRÁLIA

As gigantes de mineração BHP Billiton, Rio Tinto e Xstrata se reuniram com o governo australiano nesta quarta-feira (16) para discutir a proposta de aumentar os impostos sobre os lucros das mineradoras que operam no país.

As discussões giraram em torno de três pontos centrais, que envolvem reflexos da medida tanto para os negócios das próprias mineradoras, quanto para a Austrália. O primeiro deles diz respeito às decisões de investimentos já tomadas que podem ser revistas caso a carga tributária aumente significativamente.

Impacto

Com isso, as empresas falam, no segundo tópico, que uma taxa dessa magnitude poderia prejudicar o volume de investimentos na Austrália, já que ela perde competitividade internacional em relação a outros mercados.

Em terceiro lugar, as mineradoras pedem manutenção em termos de contratos já feitos e os novos no que tange a impostos e royalties. O governo australiano quer elevar para 40% a taxa repassada ao estado sob os lucros das mineradoras.

Recentemente, a Xstrata anunciou a suspensão de AU\$ 586 milhões (US\$ 497 milhões) de gastos para desenvolver dois projetos diferentes em minas do país, alegando que eles não são viáveis com os novos impostos.

Fonte: Infomoney



NORTE DE MG TERÁ US\$ 2 BILHÕES PARA MINÉRIO DE FERRO

Projeto vai gerar 8.000 empregos na construção e 2.000 na operação

Minas Gerais vai ganhar um novo complexo de minério de ferro, o projeto Vale do Rio Pardo, com investimentos totais de US\$ 2 bilhões do grupo chinês Honbridge e gerenciamento da Votorantim Novos Negócios. A produção de 25 milhões de toneladas por ano de minério de ferro entrará em operação em quatro a cinco anos. O projeto no total é de US\$ 3 bilhões. Minas Gerais ficará com US\$ 2 bilhões e US\$ 1 bilhão será para a instalação portuária em Ilhéus, na Bahia.

Serão gerados no empreendimento de 7.000 a 8.000 empregos indiretos na construção e outros 2.000 empregos diretos na operação. Um protocolo de intenções será assinado hoje, no Palácio Tiradentes, na Cidade Administrativa, entre o governador Antonio Augusto Anastasia e o diretor-executivo de exploração mineral da Votorantim Novos Negócios, Haroldo Fleischfresser.

O subsecretário Paulo Sérgio Machado Ribeiro explicou que é um projeto de mineração de baixo teor de 25% que exige tecnologia com investimentos altos. "Pode expandir para a 50 milhões de toneladas de minério de ferro ao ano", explicou Machado.

A maior mina fica em Rio Pardo de Minas, no Norte do Estado, a 681 km de Belo Horizonte com aportes de US\$ 500 milhões. O pátio, as instalações e uma outra pequena mina ficarão em Grão Mogol, a 551 km da capital, também na região Norte de Minas Gerais.

"A usina de concentração que traz o minério de 25% para elevar para o teor de 65% mínimo exigido que é o pellet feed vai consumir US\$ 500 milhões na mina em Rio Pardo de Minas e US\$ 500 milhões no mineroduto para transportar o minério de Rio Pardo até Ilhéus, a 480 km", informou o subsecretário Paulo Sérgio Machado.

A Honbridge é uma holding que se associou à Sul Americana Metais - SAM, do grupo Votorantim, de pesquisa mineral de potenciais jazidas de minério. De acordo com a Votorantim, a SAM identifica áreas de alto potencial em ambientes geologicamente favoráveis, associando-se a parceiros titulares de direitos minerários e investindo em pesquisa mineral para "maximizar o valor das áreas".

Também hoje, o governo de Minas assina protocolo de intenções para a instalação da Marluvas, pertencente a um grupo de investidores. O subsecretário Paulo Sérgio informou que a Marluvas será instalada em Capitão Enéas, também Norte de Minas Gerais, a 492 km de Belo Horizonte. "Eles vão gerar 400 empregos. Isso para uma cidade pequena é muito", afirmou Paulo Sérgio Machado.

O subsecretário informou que nos seis meses deste ano, Minas Gerais recebeu mais do que o dobro dos investimentos feitos em São Paulo. "Minas será o próximo eldorado industrial", disse.

Negócios e recursos para MG

- 2003 a 2010: R\$ 250 bi
- Jan/junho 2010: R\$ 50 bi
- Em 2009: R\$ 25 bilhões
- Em 2008: R\$ 18 bilhões

Mais empresas

-**Marluvas** - projeto em Capitão Enéas (região Norte) para fabricação de calçados e luvas de segurança, R\$ 14 milhões de investimento e geração de 400 empregos. Protocolo será assinado hoje

- Fábrica de amônia e ureia: Uberaba (Triângulo Mineiro), o protocolo será assinado esse ano com investimento de US\$ 1,5 milhão pela Petrobras com gasoduto

Fonte: O Tempo



CONGRESSO DEBATERÁ REGULAÇÃO DA MINERAÇÃO E SEUS REFLEXOS

Avaliar os projetos de lei e a formatação do novo marco regulatório para o setor mineral brasileiro, assim como a criação e o papel regulador da Agência Nacional de Mineração compõem a base de discussões do Congresso Brasileiro sobre a Regulação da Mineração, que acontecerá dia 24 de agosto, no Quality Hotel Afonso Pena, em Belo Horizonte.

Além disso, serão também analisadas a instituição do Conselho Nacional de Política Mineral (CNPM) como planejador das políticas do setor; as mudanças no mecanismo de distribuição de alvarás de pesquisa e concessão de lavras, as possíveis alterações no mecanismo de Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM) e, ainda, a estruturação de contratos para o setor de mineração.

Os advogados Paulo Coimbra, professor de Direito Tributário da UFMG, e Fernando Henrique Cunha, especialista em Infraestrutura já são participações confirmadas no Congresso. Paulo Coimbra falará sobre as possíveis alterações que deverão ocorrer no mecanismo de Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM) e na cobrança de royalties da mineração no Brasil a partir do novo marco regulatório. Já Fernando Cunha discorrerá sobre a estruturação de contratos para o setor de mineração e a previsão das adequações decorrentes da regulação do setor.

O congresso é promovido pela Viex-Americas em parceria com Tostes & Coimbra Advogados. Informações e inscrições pelo telefone (11) 5051-6535 ou pelo e-mail atendimento@viex-americas.com.br.

Fonte: IBRAM



PIB DE MINAS SOBE EM RITMO CHINÊS

Expansão mineira com cara de ritmo chinês. Foi o que demonstrou o crescimento da economia de Minas Gerais no primeiro trimestre, em relação ao mesmo período de 2009, em que pese a fraca base de comparação, influenciada pelos duros efeitos da crise financeira mundial especialmente sobre a indústria do estado no ano passado. De janeiro a março, o Produto Interno Bruto (PIB) de Minas cresceu 12,2%, desempenho superior aos 9% observados para o Brasil e aos 11,9% da locomotiva asiática. Os dados que mostram a performance mineira foram divulgados na tarde de terça-feira pela Fundação João Pinheiro (FJP), com base nos levantamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O setor industrial, o mais afetado pela escassez do crédito no mundo durante o segundo semestre de 2008 e praticamente todo o ano passado, puxou agora a recuperação da economia mineira, com expansão de 22,9%. As empresas prestadoras de serviços contribuíram com resultado 7,5% acima do primeiro trimestre de 2009. A agropecuária, por sua vez, ainda amarga números negativos, de 3,3%, na mesma análise de tempo. Os percentuais não surpreendem quem acompanha dia a dia o esforço das empresas para retomar a trajetória de forte crescimento interrompida no segundo semestre de 2008, como o industrial Lincoln Gonçalves Fernandes, presidente do Conselho de Política Econômica e Industrial da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg).

“Com certeza, a indústria mineira já saiu da crise, mas ainda estamos abaixo dos níveis de 2008 e sob o risco de não alcançá-los se o Banco Central (BC) mantiver a política de elevação da taxa básica de juros (aquela que remunera os títulos públicos no mercado financeiro e serve de referência para as operações nos bancos e no comércio)”, afirma. De fato, era natural que a reação dos segmentos mais afetados pela crise no ano passado levasse a números muito altos agora, ao se fazer a comparação de dados. Não se pode desprezar, no entanto, o fato de que a cara chinesa de crescimento da economia mineira reflete as próprias relações comerciais estreitas do estado com o país asiático, maior comprador de itens importantes da produção de Minas, como o minério de ferro e o aço.

A radiografia do crescimento industrial de Minas no primeiro trimestre mostra como grande destaque o mesmo segmento da mineração, com alta de 57,5% de janeiro a março, depois uma crise que fez seus resultados desabarem 25,4% no terceiro trimestre de 2009 e 27,2% no segundo trimestre daquele ano. A construção civil também mostrou seu fôlego, com expansão de 12,9%. Dentro da indústria de transformação, entretanto, as fábricas de máquinas e equipamentos despontaram, seguidas do segmento de metalurgia básica, que reúne as usinas siderúrgicas, com forte peso na economia mineira. Esta chamada indústria de bens de capital, na avaliação de Lincoln Fernandes, da Fiemg, é uma promessa de crescimento nos próximos meses, depois de ter sido o último segmento a entrar em processo de retomada.

Fonte: Portal Uai

Decision REPORT

MINERADORA INVESTE MAIS DE US\$ 1 MILHÃO EM TELEFONIA IP

Mineradora de origem sul-africana, a AngloGold, que adquiriu as minas da Morro Velho, presente em três cidades mineiras e em Goiás, precisava atualizar a infraestrutura de telefonia, cuja linha de equipamentos da Siemens tinha sido descontinuada, e resolveu investir mais de US\$ 1 milhão no projeto de telefonia IP, realizado desde meados de 2008 e previsto para ser finalizado no mês de setembro deste ano.

Gerson Gabriel Ribeiro, coordenador de infraestrutura da **mineradora**, informa que a AngloGold adquiriu dois servidores Cisco, que têm o papel de PABX virtual e conhecido também pelo termo em inglês de call manager, 30 conversores de Voice Gateway, o sistema IP Communicator para os ramais virtuais instalados nos notebooks e até setembro serão instalados 1,5 mil ramais IP.

“Os terminais ainda continuam caros, mas as funcionalidades que a telefonia IP permite compensa o custo. Eu, por exemplo, posso ir para qualquer lugar do mundo, abrir meu notebook e fazer uma ligação como se eu estivesse dentro da minha empresa. Essa mobilidade é muito importante para uma companhia multinacional”, observa Ribeiro.

O executivo conta que os terminais mais básicos custaram US\$ 260,00, os intermediários por volta de US\$ 460 e os mais avançados cerca de US\$ 600. “Foram adquiridos 34 terminais mais

avançados para a alta diretoria, que utiliza funcionalidades como a interceptação da secretária. Há uma gestão das chamadas recebidas por um intermediário”, explica.

O projeto também exigiu mudança na infraestrutura de cabo para fibra ótica nos escritórios que ficam no subsolo, dentro das minas, para inserir alguns ramais IP. “Não é possível utilizar terminais IP nos subsolos por causa do clima úmido, mas são todos ramais IP em função dos conversores adquiridos”, conta.

Fonte: Decision



VALE PLANEJA EXPLORAR MINÉRIO NA LIBÉRIA

A mineradora Vale está estudando explorar minério de ferro no país e avaliando outros projetos específicos na região ligados ao setor de infra-estrutura. O presidente da Comissão Nacional de Investimento da Libéria, Richard Tolbert, disse que a Libéria está "extremamente contente de que a Vale também está agora procurando por minérios de ferro e outras possibilidades (no país), como um resultado da bem-sucedida visita da presidente Ellen Johnson Sirleaf ao Brasil".

A Vale planeja investir mais de US\$ 5 bilhões em sua mina de minério de ferro em Simandou, na Guiné, país vizinho da Libéria. A companhia adquiriu uma participação majoritária na mina em abril, depois de pagar US\$ 2,5 bilhões por uma fatia de 51% na BSG Resources.

Tolbert disse também que o governo da Libéria está próximo de finalizar dois acordos para o desenvolvimento de operações de minério de ferro. Depois de finalizados e aprovados pelo poder legislativo, a Libéria terá negociado cinco acordos para operações de minério de ferro desde 2006, equivalentes a mais de US\$ 10 bilhões durante a vida das minas.

Outras negociações

Entretanto, o presidente da comissão não especificou com quais empresas o governo está negociando esses dois acordos. Ele só disse que outras empresas de minério de ferro que estão investindo na Libéria são a African Aura Mining Inc., que tem um acordo de joint venture com a russa Severstal Resources, e a companhia israelense Elenilto Minerals & Mining Ltda.

Tolbert afirmou que os acordos com a BHP Billiton PLC para o desenvolvimento de operações de minério de ferro na Libéria valem no mínimo entre US\$ 2 bilhões e US\$ 3 bilhões e oferecem um retorno elevado, mas competitivo, ao governo. O acordo permitirá uma taxa de impostos efetivo máxima de 30% e taxas de royalties entre 3% e 5%, segundo ele. No domingo, a BHP havia informado que assinou um acordo de 25 anos com a Libéria, estabelecendo parâmetros legais e fiscais para explorar e extrair quatro grandes concessões de minério de ferro no país.

O acordo da BHP com a Libéria tem uma carga de impostos e royalties menor do que as taxas que a empresa teria de pagar na Austrália se o governo australiano conseguir aprovar um aumento nos impostos que incidem sobre os lucros corporativos das empresas do setor de matérias-primas. O primeiro-ministro da Austrália, Kevin Rudd, propôs um imposto de 40% sobre lucros que excederem uma taxa de retorno semelhante aos bônus de longo prazo do governo, de cerca de 6%.

Segundo Tolbert, a taxa máxima de imposto corporativo na Libéria é de 25%, embora possa ser elevada para 30% para a indústria de mineração. No acordo da BHP, algumas cláusulas permitem que a empresa seja taxada em mais de 25%, acrescentou.

Fonte: Monitor Mercantil Digital



MINISTRO NOMEIA 256 CANDIDATOS

O ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, Paulo Bernardo, nomeou 256 candidatos aprovados no concurso público do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). O provimento dos cargos nos quantitativos previstos no art. 1º está condicionado: I - à existência de vagas na data da nomeação; e II - à declaração do respectivo ordenador de despesa sobre a adequação orçamentária e financeira das novas despesas com a Lei Orçamentária Anual e sua compatibilidade com a Lei de Diretrizes Orçamentárias, demonstrando a origem dos recursos a serem utilizados.

Fonte: Brasil Mineral OnLine, nº 456

ESTADO DE MINAS

MUSEU USA ALTA TECNOLOGIA PARA CONTAR A HISTÓRIA DA MINERAÇÃO

Depois de ter sido privilégio de pesquisadores e grupos convidados, o lúdico e ousado Museu das Minas e do Metal EBX abre suas portas ao público, na próxima terça-feira. Com o desafio de acabar de vez com o antigo conceito de museus, nos quais o visitante observa e não se relaciona com o que vê, o local, que integra o Circuito Cultural da Praça da Liberdade, promete ir além: ali, o visita interage, desce de elevador com personagens como Dom Pedro II, ouve histórias narradas por Chica da Silva e tem, em cada sala, uma surpresa. Já na abertura ao público, o visitante encontrará a fachada do imóvel onde foi implantado o museu, no antigo e charmoso edifício da Secretaria de Estado da Educação, ganhando vida com recursos tecnológicos de projeção volumétrica. É a primeira vez que este tipo de programa será usado nos país na dimensão de um prédio.

Inaugurado em 22 de março, o espaço recebeu primeiramente grupos convidados e pesquisadores. Somente no primeiro fim de semana de abril, foram quase 3 mil pessoas a passarem pelo local. “Agora, é a vez do público em geral. Nesta primeira semana a entrada será franca, e a expectativa é de que recebamos cerca de 1 mil pessoas diariamente. Depois, o ingresso cobrado será de R\$ 6, a inteira, e R\$ 3 a meia”, comenta a diretora de projetos sociais e culturais da EBX, Helena Mourão. Ela revela que, no dia da abertura, uma atração dará colorido especial ao evento. “O prédio ganhará vida. Jovens estudiosos de informática e engenharia usarão a arquitetura do edifício para fazer projeções que são capazes de mudar janelas de lugar e até mesmo mostrar, lá fora, o que tem dentro. Será mágico”, garante.

De acordo com Helena, o museu não está pronto. “E nunca estará. É um organismo vivo, que não nasce estático. Sempre terá algo para ser mudado, colocado, incrementado. Nesse tempo em que trouxemos grupos convidados para conhecerem o local, vieram jovens, idosos e adultos, e percebemos que seria necessário trocar o tempo das legendas nas atrações, por exemplo”, diz.

O museu é patrocinado e gerido pelo grupo de mineração EBX, do empresário Eike Batista, apontado como um dos homens mais ricos do mundo. São 44 atrações em 18 salas de exposição. O investimento na recuperação e adequação do prédio, restauração, projeto arquitetônico, obras civis, pesquisas de conteúdo e museografia foi da ordem de R\$ 25 milhões, doados por Eike. Logo que se chega ao espaço, o visitante percebe que a vontade dos criadores daquele lugar não foi a de apenas

contar a história das minas e metais. “Contamos uma coisa por meio de outra. É como mostrar a ciência que está atrás da arte. Ou a arte atrás da astronomia”, explicou Marcello Dantas, museógrafo responsável pelo museu, que tem ainda no seu extenso currículo, o trabalho de direção artística no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo. Para ele, a atração de BH se define em “extraordinário”. “Porque vai além daquilo que se espera”, justificou.

Atrações

Uma das grandes atrações é a simulação de um elevador com capacidade para quatro pessoas em que personagens representando Dom Pedro II e a imperatriz Tereza Cristina falam sobre a Mina do Morro Velho. O casal é uma animação projetada na cabine, e a sensação do visitante é a de estar dentro de uma mina, porque o chão treme e, nas laterais, imagens vão passando. Nesse ambiente, é possível conhecer o império de Dom Pedro II e a exploração do ouro, misturando conhecimentos históricos, de biologia, química e outros. Outro espetáculo é o chão de estrelas, em que o espectador tem a sensação de pisar sobre o céu, enquanto ouve a voz de Fernanda Takai declamando o Romanceiro da Inconfidência, de Cecília Meireles.

A sala de interação, no último andar do prédio, é a que promete colocar estudantes em dia com o aprendizado das classes tradicionais. Numa delas, figuram no chão, entre outros elementos, os componentes da tabela periódica.

Programe-se

Abertura com apresentações especiais em projeção volumétrica. Dias 22, 23 e 24/06. Haverá apresentações das 20h às 21h30, que serão repetidas a cada 20 minutos. Nesses dias a entrada será franca, com horário especial de funcionamento: das 12h às 21h. O museu tradicionalmente funcionará de terça a domingo de 12h às 18h. Será cobrada a entrada de R\$ 6 (inteira) e R\$ 3 (meia).

Fonte: Estado de Minas

CORREIO BRAZILIENSE

CORRIDA DO OURO

UM BASTA PARA A FARRA

Governo prepara três projetos de lei que prometem restringir a venda de direitos de exploração em áreas supostamente ricas no metal. Hoje é possível encontrar, com facilidade, oferta de licenças pela Internet.

Encontrar uma mina de ouro para comprar é coisa fácil. Basta fazer uma rápida pesquisa na internet com as palavras “mina” ou “jazida” para negociar o direito de exploração de áreas onde supostamente teriam sido descobertas grandes quantidades do metal. Mas tanta oferta denuncia uma farra irresponsável. Segundo o Ministério de Minas e Energia, é comum uma única pessoa deter dezenas ou até centenas de títulos mineratórios há várias décadas e nunca desenvolver nenhum projeto para extrair a riqueza do subsolo. Isso porque, a partir do momento que fez a pesquisa de exploração mineral, o investidor obtém a concessão da lavra para o desenvolvimento da atividade, sem prazo de caducidade.

O governo quer dar um basta à farra das especulações de venda de títulos de exploração mineral. É a frouxidão das regras atuais que, na visão do Executivo, “permite” esse tipo de ocorrência, razão pela qual está sendo costurado um novo marco regulatório da mineração para estancar as brechas da legislação, vigente desde 1967. A existência de um pulsante mercado de comercialização de direitos de exploração de jazidas, sobretudo de ouro, é um dos pontos que mais incomoda ao governo. Por isso, a criação de uma nova regulamentação, que está a cargo do

Ministério de Minas e Energia e da Casa Civil, promete reduzir os prazos e aumentar a fiscalização do setor. “O marco (vigente), na verdade, permitia que se tivesse total liberdade, sem qualquer compromisso (de desenvolvimento da atividade), bem diferente de outras concessões, como petróleo e telecomunicações, que têm regras claras”, explica o ministro de Minas e Energia, Márcio Zimmermann, em entrevista ao Correio.

Mudanças

A legislação atual permite a mazela, mas o governo quer colocar um ponto final nessa distorção, impondo o prazo de 35 anos, prorrogável por igual período, para que o investidor tire do papel os projetos de exploração da área. Caso não sejam cumpridos, podem resultar até em perda da concessão. Outra inovação do marco é a criação do Conselho Nacional de Política Mineral (CNPM), órgão de assessoramento do presidente da República, para traçar as diretrizes do setor. Há também outros dois projetos de lei: um que cria a agência reguladora do setor mineral e extingue o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), em análise no Ministério do Planejamento, e outro que altera os critérios de cobrança da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM), nome dado ao royalty dos minérios, em análise no Ministério da Fazenda.

“Esse (projeto de lei) ainda está em estudo. Prevê alterações na forma de calcular e arrecadar, na cobrança e muda as alíquotas e distribuição dos beneficiários. Esse assunto ficou pendente, porque precisávamos aprofundar mais com o Ministério da Fazenda. Ainda estamos estudando uma proposta conjunta”, justifica Zimmermann. Por se tratar de ano eleitoral, o governo avaliou que não seria conveniente tratar do assunto agora.

As empresas do setor, porém, ameaçam acionar a Justiça caso o prazo para desenvolvimento da atividade mineral seja limitado em 35 anos. “O que a gente acredita é que vai ter judicialização se prevalecer isso, já que a Constituição Federal diz que a pesquisa tem prazo, mas se cala para o desenvolvimento da mineração”, ressaltou Paulo Camillo Vargas Penna, presidente do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram). Ele defende prazos mais flexíveis e assegura que a geração de distorções no setor não é resultado da ausência de prazo, e sim falhas de fiscalização do DNPM. “O que o governo não tem é dispositivos para fazer valer a lei. O que existe é uma instituição que não dispõe de meios financeiros, nem de pessoal, para aplicar a legislação vigente”, critica.



Entenda as propostas do novo código mineral



1º projeto

Propõe alterações institucionais e regulatórias. Cria o Conselho Nacional de Política Mineral (CNPM), que será vinculado à Presidência da República e presidido pelo ministro de Minas e Energia. O objetivo do CNPM é promover o aproveitamento racional dos recursos minerais do país e estabelecer as diretrizes para o planejamento do setor, além de estimular investimentos em pesquisa, desenvolvimento e inovação na cadeia produtiva nacional.

O mesmo projeto prevê que uma das principais alterações será a criação do Instituto de Autorização de Lavra, destinada à extração de minérios, independentemente da pesquisa mineral prévia. O combate a práticas especulativas improdutivas que comprometem o setor é outra bandeira. Os regimes de aproveitamento dos recursos minerais poderão ser feitos por autorização de pesquisa ou de lavra, sendo necessária a comprovação de investimento mínimo. O projeto foi enviado para a Casa Civil.

2º projeto

Propõe a criação da Agência Nacional de Mineral (ANM), que substituirá o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), e será responsável pela regulação e fiscalização das atividades do setor. O projeto foi enviado ao Ministério do Planejamento.

3º projeto

Prevê alterações na forma de calcular, arrecadar, fiscalizar e cobrar da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM), além de mudança das alíquotas e dos critérios de distribuição entre os beneficiários e critérios de uso dos recursos. O projeto ainda está em estudo no Ministério de Minas e Energia, em conjunto com o Ministério da Fazenda.

Fonte: MME



Ineficiência

Segundo Penna, depois do desenvolvimento da pesquisa mineral — que tem prazo de três anos, prorrogável por mais três —, os investidores têm que apresentar um plano de desenvolvimento econômico para a área que, se não for cumprido, pode resultar na cassação da outorga. “Essa especulação que existe ocorre em função da ineficiência da fiscalização dos órgãos brasileiros para executar o que a lei determina. A legislação dá poderes ao Estado para coibir esse tipo de mazela”, diz. Para reforçar seu argumento, ele lembra a falta de pessoal nos quadros do DNPM. “Hoje existem milhares de processos minerários parados ou em trânsito, pela incapacidade de serem examinados como devem ser”, provoca Penna. Procurado, o DNPM não se manifestou.

O Ibram também critica o aumento dos royalties sem a concomitante redução da carga tributária do setor, uma das mais altas do mundo. Caso contrário, as empresas brasileiras perderão competitividade no mercado internacional. “Não se pode, simplesmente, aumentar a CFEM para resolver o problema de estados e municípios sem ver o resto”, observou Penna. Ele destacou que, se isso ocorrer, haverá um efeito bumerangue contra o próprio governo, já que a mineração responde por mais de 60% do saldo da balança comercial brasileira. “Mataria a galinha dos ovos de ouro”, alerta. Apesar das críticas, o Ibram considera que há pontos relevantes na proposta de atualização do arcabouço legislativo da exploração mineral, como a elaboração de uma política nacional para o setor e a criação do CNPM e da agência reguladora.

Fonte: Correio Braziliense



PRÊMIO À COMPETÊNCIA DE QUEM DRIBLOU A CRISE



Da esquerda para a direita: Otto Bittencourt (INB) e Onildo João Marini; Sérgio Fráguas (Caraíba) e Rafael Avena; Omar Silva Jr. (Usiminas) e Trubbianelli

Fato inédito cercou, neste ano, a premiação “Empresas do Ano do Setor Mineral” da revista Brasil Mineral. Pela primeira vez na história do prêmio, que alcançou a orgulhosa marca de 26 edições, duas empresas dividiram os votos na categoria ‘Mineração de Grande Porte’. Nunca uma eleição havia terminado com duas empresas recebendo o mesmo número de indicações na apuração

final. Neste ano, entretanto, isto aconteceu. Porém, mais surpreendente que o empate foi o fato de as empresas eleitas terem a mesma origem.

Em função da situação *sui generis*, o Conselho Editorial da revista decidiu não dispor de nenhum critério de desempate e optou por premiar as duas mineradoras, elevando, assim, o número final de homenageadas a seis, ao invés de cinco, considerando-se a fiel observação das categorias inclusas na premiação. Diante disso, foram homenageadas, neste ano, as seguintes empresas: categoria 'Mineração de Grande Porte', AngloGold Ashanti e a Anglo American, a primeira envolvida na produção de ouro (com minas no Estado de Minas Gerais), a segunda relacionada à produção de ferro-níquel (por meio de unidade mineiro-industrial da subsidiária Codemin, instalada no norte do Estado de Goiás), minério de fosfato (através de plantas da Copebras localizadas no Sudeste do Estado de Goiás) e minério de ferro (por intermédio da Anglo Ferrous Brazil, que opera unidades nos Estados do Amapá e Minas Gerais/Rio de Janeiro). Na categoria 'Mineração de Médio Porte' foi eleita a Mineração Caraíba, fincada no semi-árido baiano e de onde extrai o minério de cobre encontrado no Vale do Curaçá. Na categoria 'Mineração de Pequeno Porte', a escolhida foi a Indústrias Nucleares do Brasil (INB), que substituiu a extinta Nuclebras na lavra de minério de urânio em Caetité, no Sul da Bahia, e manipulação de toda a cadeia industrial a jusante da exploração mineral. Na categoria 'Metalurgia', a empresa eleita foi a Votorantim Metais, com unidades exploratórias e metalúrgicas no norte de Goiás e na Grande São Paulo e que recebeu a distinção pela quinta vez. Por fim, na categoria 'Siderurgia', a indicada pelos leitores da revista Brasil Mineral foi a Usiminas, que opera usinas produtoras de aço em Ipatinga (MG) e Cubatão (SP), escolhida a melhor do setor pela sexta vez ao longo da história da premiação.

Mais do que simplesmente premiar empresas que se destacaram ao longo de 2009, um exercício sabidamente ruim, o prêmio da revista Brasil Mineral serviu para reconhecer publicamente as melhores práticas das vencedoras em termos de política de sustentabilidade socioambiental, investimentos e desenvolvimento tecnológico.

Neste ano, cerca de 300 convidados especiais reuniram-se na noite de 7 de abril nas dependências do Centro Brasileiro Britânico, em São Paulo, não apenas para (re)encontros entre amigos, parceiros e colaboradores. Estavam reunidos principalmente para homenagear quem soube, de fato, driblar a crise que se implantou sobre os setores cobertos pela revista Brasil Mineral no ano passado de maneira criativa e eficaz.



Mesa que dirigiu a cerimônia de apresentação

Voto livre

A homenagem deste ano voltou a ser realizada em São Paulo. No ano passado, para quem não se recorda, a entrega dos troféus ocorreu em Belo Horizonte, fato também inédito na história da premiação, uma vez que todas as 24 edições anteriores haviam sido realizadas em São Paulo, sede da Signus Editora, que publica a revista. A cerimônia para entrega dos troféus foi presidida pelo reconhecido professor e engenheiro de minas e metalurgista Arthur Pinto Chaves, que tradicionalmente dirige a distinção às empresas eleitas. Como faz religiosamente todos os anos, o ilustre membro do Conselho Editorial da revista Brasil Mineral deu as boas vindas aos convidados e destacou, mais uma vez, "o caráter absolutamente democrático do processo de escolha das empresas, através do qual os leitores votam livremente nas representantes que consideram merecedoras da distinção".

Segundo o professor, "vale destacar que a eleição ocorre por meio de cédula encartada na revista contendo os nomes de empresas escolhidas criteriosamente pelos conselheiros editoriais da

BM, de acordo com as respectivas atuações ao longo do ano anterior nos campos tecnológico, financeiro e de sustentabilidade”. O voto, entretanto, “é livre e pode – ou não – ser dado a uma das empresas listadas pelo conselho da revista”, acrescentou ele. O professor Arthur Pinto Chaves fez questão de afirmar que as empresas eleitas neste ano passaram, todas, por momentos difíceis ao longo de 2009. Entretanto, esse ‘denominador comum’ não as havia impedido de demonstrar capacidade para superar as dificuldades. As seis empresas premiadas, afirmou o ilustre dirigente da cerimônia, mereciam estar ali para receber o título de “Empresas do Ano do Setor Mineral” exatamente porque haviam exercitado competência e criatividade para superar as adversidades materializadas diante de um cenário econômico bastante adverso.

Início da recuperação

Na abertura de seu discurso, o diretor Editorial da Brasil Mineral, Francisco Alves, lembrou o primeiro verso da música ‘O mundo não se acabou’, de Assis Valente, que diz: “Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar”.

Mas, “o mundo não se acabou, embora a longa e difícil jornada vivida pelas empresas durante 2009 tenha produzido reflexos que deverão ser notados ainda pelos próximos anos”, arrematou o jornalista. Foi um exercício, comentou Francisco Alves, “no qual despencaram os preços das commodities, algumas demandas foram reduzidas à metade, empresas do setor minerometalúrgico desaceleraram fortemente o ritmo de produção, houve dispensa de trabalhadores, foram paralisados projetos de desenvolvimento e o dinheiro, que antes era abundante, tornou-se caro, difícil e escasso”. Foi um ano em que “preservar o caixa se transformou em tarefa primordial”, completou ele.

Para o diretor Editorial da BM, os mercados internos chinês, indiano e brasileiro serviram para puxar o PIB mundial para cima, promovendo, por consequência, a retomada do crescimento econômico mundial. A recuperação econômica internacional deixou de ser apenas uma expectativa “para se consolidar no clima de otimismo, de pé no chão, que cerca a premiação deste ano das Empresas do Ano do Setor Mineral”, afirmou.

Medidas arrojadas

Boa parte desse clima de otimismo vivido pelas empresas minero-metalúrgicas no momento e, principalmente, durante os tempos intempestivos da crise internacional, decorre, segundo Miguel Cedraz Nery, diretor-Geral do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), diretamente das medidas “arrojadas e corajosas adotadas pelo Governo Federal na salvaguarda dos mercados mineral, metalúrgicos e siderúrgico nacionais”.

Representando o recém empossado ministro de Minas e Energia, Márcio Zimmermann, o principal executivo do DNPM fez questão de destacar, em seu discurso, “a capacidade e competências das empresas aqui representadas no enfrentamento da crise internacional atravessada ao longo de 2009”. Mas, disse ele, “ao mesmo tempo em que cumprimento essas empresas, também destaque o papel pró-ativo e importante desempenhado pelo Governo Federal durante o período da crise, através da adoção de medidas internas arrojadas que incentivaram e fortaleceram as atividades industriais brasileiras”.

Sobre a preocupação generalizada que paira sobre o setor mineral brasileira, face à edição de um Novo Marco Regulatório, Miguel Cedraz Nery afirmou que tal preocupação é infundada e que o Governo Federal pretende, ao redefinir o Marco Regulatório, “não atingir o empresariado responsável, que cumpre suas obrigações”. Não há interesse, afirmou ele, “em atingir a economia mineral brasileira”. Ao contrário, “visamos estimular a competitividade e a concorrência com a aprovação do Novo Marco Regulatório”.

Quase como uma contra-argumentação às palavras proferidas pelo representante do ministro de Minas e Energia, o Presidente do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), Paulo Camillo Vargas Penna, lembrou, em sua fala, que “2009 foi, realmente, um ano muito difícil para o setor mineral brasileiro”. Foi um exercício em que a ‘marolinha’ se transformou, na verdade, “numa crise severa

capaz de produzir, como reflexos, o fechamento de minas, paralisações de investimentos e demissões que impactaram agudamente o setor mineral no Brasil”.

É sempre bom lembrar, disse ele, que o setor vinha experimentando um momento memorável, com praticamente oito anos de crescimento, culminando com o recorde de investimento programado da ordem de US\$ 57 bilhões para os anos imediatamente seguintes.

“Algo sem precedente na história da mineração brasileira”, destacou o dirigente do Ibram. Mas, chegou 2009 e, como ele, o setor foi colhido pela ‘marolinha’ da crise, gerando uma redução dos investimentos programados para menos de US\$ 50 bilhões. Hoje, entretanto, “o setor ostenta sinais de recuperação e seu quadro de investimento para o período 2010/2014 anuncia aportes da ordem de US\$ 50 bilhões”, informa Paulo Camillo Penna.

Para Otto Bittencourt Neto, diretor de Recursos Minerais da INB, o momento era “de orgulho, uma vez que a empresa recebia um dos mais importantes prêmios do cenário mineiro-metalúrgico do Brasil”. Otto Bittencourt aproveitou a oportunidade para lembrar a todos, e principalmente aos representantes do Governo Federal e do empresariado, que “a mineração de urânio no Brasil, assim como em todo o mundo, tem características muito especiais e deve ser tratada com os cuidados e critérios que merecem e precisam ter”.

O Brasil, continuou ele, “dispõe de tecnologia para operar em todas essas etapas, embora, no momento, algumas dessas operações são feitas no exterior”. Entretanto, disse o diretor da INB, “estamos trabalhando na finalização das obras para que todas essas etapas sejam realizadas, a partir de 2014, dentro do Brasil”. Com isso, garantiu Otto Bittencourt, “o Brasil passará a se equiparar a Estados Unidos e Rússia como os únicos países do mundo a disporem de reservas de urânio e tecnologia em toda a cadeia para produção do combustível nuclear”.

Obsessão por perenidade

Sérgio Fráguas, Presidente da Mineração Caraíba, representou, na solenidade, uma das equipes de colaboradores do setor mineral brasileiro mais determinadas e corajosas que se conhece. Sim, porque foi exatamente a partir desse engajamento irrestrito que a operação do Vale do Curaçá passou de “mineradora em estágio terminal”, em 2006, ao patamar de “empresa com vida útil projetada para além de 2026”.

Não há mágica, declarou o executivo. “Apenas mudamos o foco e passamos de empresa em vias de fechar as portas, de extinção, ao patamar de mineradora centrada na perenidade do empreendimento”, resumiu Sérgio Fráguas, conhecido no mercado brasileiro da mineração como um competente profissional de gestão. Aliás, diz ele, “perenidade passou a ser obsessão dentro da Mineração Caraíba a partir de 2006”. Hoje, “estamos operando vários projetos de expansão da capacidade produtiva de minério de cobre no Vale do Curaçá e ainda deveremos viabilizar duas novas alternativas, uma de minério de ouro e outra de cobre, nos Estados do Mato Grosso e Pará, respectivamente”.

Para Omar Silva Júnior, vice-Presidente da Usiminas, a presença da empresa que representava na solenidade “era motivo de orgulho superlativo, considerando-se que 2009 não havia sido um ano bom”. Depois de “passarmos por vários e complexos enfrentamentos ao longo do exercício passado, que não foram prerrogativa apenas da Usiminas, como de todo o setor siderúrgico mundial”, comentou ele, “a Usiminas ressurgiu concentrada em fortalecer continuamente a tendência de verticalização de suas atividades, usando a proteção contra a transferência de margens dentro da cadeia”.

Na verdade, essa “verticalização” vinha sendo implementada pelos altos executivos do grupo Usiminas havia algum tempo, mas, a eclosão da crise internacional apenas acelerou a instalação dessa nova estratégia. A partir de meados do ano passado, por exemplo, a Usiminas passou a atuar de forma integrada em quatro eixos de produtos: mineração e logística, siderurgia, transformação de aço e bens de capital.

Outro fato bastante curioso cercou a entrega do prêmio Empresas do Ano pela revista Brasil Mineral. Nesta edição, pela primeira vez na história da homenagem, dois irmãos receberam troféus representando empresas diferentes. São eles, Omar Silva Júnior, vice-presidente da Usiminas, e João Bosco Silva, diretor-Superintendente da Votorantim Metais, eleita 'Empresa do Ano do Setor Mineral' na categoria 'Metalurgia'. Em seu discurso de agradecimento, João Bosco fez questão de destacar o reconhecimento dos leitores da publicação que elegeram, pela quinta vez, a Votorantim Metais como Empresa do Setor na categoria Metalurgia. Tal reconhecimento, disse ele, "é sinal de que estamos no caminho certo para superar os desafios do mercado e da economia mundial".

Aproveitando a presença de um representante oficial do Ministério de Minas e Energia na cerimônia, o diretor-Superintendente da Votorantim Metais focou seu discurso nas dificuldades que o segmento metalúrgico enfrenta no País. "Embora tenhamos trabalhado em 2009 num cenário difícil, no qual priorizamos a geração e preservação de caixa e a melhoria da rentabilidade do mix de nossos produtos, não podemos deixar de mencionar que somos empresa eletro-intensiva e, como tal, tivemos de enfrentar dificuldades geradas pelo alto custo da energia elétrica, o que nos reduziu a competitividade", informou João Bosco.

Como um dos reflexos do comprometimento da competitividade em função do custo dos blocos de energia elétrica, "a Votorantim Metais vem sendo obrigada a buscar outros países para implantar novas unidades".

Outro recado encaminhado ao diretor-geral do DNPM, que representava o Governo Federal na solenidade, pelo superintendente da VM focava "a estabilidade das regras de longo prazo, considerando que nossa atividade exige planejamento de longo prazo".

A estabilidade das regras é fundamental para nossas indústrias, afirmou João Bosco, "e qualquer mudança das regras no meio do caminho pode comprometer a nossa competitividade".

Barro Alto

Eleita 'Empresa do Ano do Setor Mineral' na categoria 'Mineração de Grande Porte', a Anglo American foi representada na solenidade por Walter De Simoni, presidente da Anglo American Níquel. Em seu discurso, o representante da mineradora destacou que a indicação da Anglo American para receber o prêmio "é, de fato, muito gratificante", uma vez que demonstra "que nosso trabalho, todo baseado nos seis valores globais da companhia - Segurança, Preocupação & Respeito, Integridade, Responsabilidade, Colaboração, Inovação – vem gerando resultado positivo e é reconhecido pelos leitores de umas das principais revistas do setor mineral do País".

Segundo Walter De Simoni, "a premissa da Anglo American baseia-se no fortalecimento diário das atividades da companhia no Brasil, por meio de maior excelência operacional e maior habilidade para a execução de projetos". E o exemplo mais evidente dessa política é o Projeto Barro Alto – o maior projeto de níquel da Anglo American e um dos três maiores projetos da companhia no mundo – desenvolvido no Estado de Goiás dentro dos rígidos padrões de segurança". Barro Alto, de acordo com o principal executivo da Anglo American Níquel "mantém-se dentro do cronograma previsto, iniciando sua operação no final deste ano, em dezembro".

Hélcio Guerra, diretor Presidente da AngloGold Ashanti, a segunda mineradora indicada para receber o prêmio de 'Empresa do Ano do Setor Mineral, na categoria 'Mineração de Grande Porte", afirmou ser "um prazer e uma honra receber o prêmio em nome da AngloGold Ashanti Brasil". Indo direto ao ponto, Hélcio Guerra, foi logo se dirigindo ao representante do DNPM ressaltando "a confiança na construção integrada do Novo Marco Regulatório para a mineração brasileira", uma vez que se trata de tarefa "muito importante para a sustentabilidade do negócio 'mineração', que desfruta de posição de peso na economia do País".

O diretor Presidente da AngloGold Ashanti aproveitou a oportunidade para resumir as atividades da empresa, principalmente no que diz respeito aos investimentos. "Gostaria de reafirmar que o grupo AngloGold tem investido fortemente no Brasil", garantiu ele. São basicamente

“investimentos para expandir instalações, expandir a produção de ouro no Brasil, melhorar as práticas e inovar em tecnologia, em relação aos nossos stakeholders”, informou Hécio Guerra.

Cada vez mais, os sistemas de gestão de responsabilidade social, de meio ambiente, de saúde e segurança ocupacional são relevantes. “E, como não poderia deixar de ser, esse é um de nossos maiores desafios”, disse ele, tanto que AngloGold recebeu certificação específica, transformando-se na primeira empresa de mineração no Brasil certificada com norma específica para Responsabilidade Social. A seguir os discursos proferidos pelos convidados e representantes das companhias eleitas ‘Empresas do Ano do Setor Mineral’, edição 2010, pelos leitores da revista Brasil Mineral.

Fonte: Revista Brasil Mineral, abril de 2010, nº 293

TREINAMENTO

Introdução ao ArcGIS

■ Duração: 4 dias ■ Total de Horas: 32



ArcVIEW

O ArcView é o produto de entrada dos softwares que compõem o ArcGIS Desktop.
Este software fornece excelentes ferramentas de visualização de mapas, consultas, análises, integração e automação básica de dados geográficos.
O curso Introdução ao ArcGIS tem carga horária de 32 horas e a Geoambiente fornece material didático na língua portuguesa, base de exercícios para a realização do treinamento, Certificado de Participação, Coffee-Break e infra-estrutura para o treinamento.
Este curso abrange os conceitos fundamentais de GIS e, com o auxílio de instrutores experientes e capacitados, os participantes aprenderão a explorar o ArcMap e ArcCatalog além da caixa de ferramentas ArcToolbox.
Os tópicos discutidos abrangem funcionalidades essenciais para construção de projetos GIS, tais como: consultas; manipulação de tabelas; edição e inserção de atributos em dados espaciais; apresentação de mapas, gráficos e relatórios.
Os participantes aprenderão também funcionalidades avançadas para apresentar informações cartográficas.

Objetivos

- Apresentar aos usuários a tecnologia ArcGIS na língua Portuguesa;
- Capacitar o participante no uso dos aplicativos ArcMap, ArcCatalog e ArcToolBox;
- Capacitar o usuário a criar seus projetos GIS.

TÓPICOS

- Introdução aos aplicativos do Sistema ArcView: ArcMap, ArcCatalog e ArcToolBox;
- Modelo de dados do ArcView: Geodatabases, Shapefiles, Coverages;
- Ferramentas para geração e edição de dados espaciais e atributos;
- Visualização de mapas: simbolização, escalas, labels e anotações;
- Consulta de dados: seleção e identificação de feições;
- Sistemas de coordenadas espaciais e projeções;
- Geração de relatórios e gráficos;
- Análise espacial e manipulação de dados;
- Geocodificação de endereços;
- Geração de Layout;
- Explicação sobre a família ArcGIS: Arc Gis Desktop e Extensões ArcGIS Server e Arc PAD.

*Agenda para julho:

Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira
13	14	15	16

* local: São José dos Campos-SP

Para reservar sua vaga entre em contato conosco:



(12) 3797.6811

alessandra.carvalho@geoambiente.com.br

